

**Do lugar de pastora ao lugar de ministra:
percurso de um enunciado atribuído a Damares Alves**

From the shepherd's place to the minister's place:
the course of an enunciation attributed to Damares Alves
Del lugar de pastora al lugar de ministro:
la ruta de una afirmación atribuida a Damares Alves

Edvania Gomes da Silva

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB/Brasil)

Alessandra Souza Silva

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB/Brasil)

RESUMO

Analisamos o funcionamento discursivo do enunciado “Eu vi Jesus num pé de goiaba”, proferido por Damares Alves, Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Para tanto, mostramos a circulação deste enunciado na Internet. As discussões teórico-metodológicas situam-se nos trabalhos de Maingueneau, Pêcheux e Paveau. Os resultados indicam que as análises discursivas ajudam a explicar aspectos sócio-históricos, relacionados, por exemplo, ao funcionamento da memória discursiva, mas também é preciso estar atento ao funcionamento dos fatores linguístico-enunciativos, por exemplo, a forma como o enunciado é retomado, pois a relação entre esses fatores contribui para o estudo da ética discursiva.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de discurso; Religião; Política; Humor; Ética.

ABSTRACT

We analyze the discursive functioning of the enunciation “I saw Jesus from the guava tree”, made by Damares Alves, Minister of Women, Family and

* Sobre as autoras ver página 170-171



Human Rights. Thus, we show the circulation this enunciation in the Internet. The theoretical-methodological discussions focus on Maingueneau's, Pêcheux's and Paveau's works. The results indicate that the discursive analyzes help to explain socio-historical aspects, it related, for example, with functioning of discursive memory, but it is also necessary to be attentive to the functioning of linguistic-enunciative factors, for example, the shape how the enunciation is recaptured, because the relationship between these factors contributes to the study of discursive ethics.

KEYWORDS: *Análise de discurso; Religion; Policy; Humor; Ethics.*

RESUMEN

Analizamos el funcionamiento discursivo del enunciado "Vi a Jesús en un guayabo", pronunciado por Damares Alves, Ministra de la Mujer, la Familia y los Derechos Humanos, mostrando la circulación de esta afirmación en la Internet. El discusiones teóricas y metodológicas se sitúan en los trabajos de Maingueneau, Pêcheux y Paveau. Los resultados indican que los análisis discursivos ayudan a explicar aspectos sociohistóricos, relacionados, por ejemplo, con el funcionamiento de la memoria discursiva, pero también es necesario estar atento al funcionamiento de factores lingüístico-enunciativos, por ejemplo, la forma en que se retoma la afirmación, ya que la relación entre estos factores contribuye al estudio de la ética discursiva.

PALABRAS CLAVE: *Análisis del discurso; Religión; Política; Humor; Ética.*

1 Introdução

Neste trabalho, analisamos o funcionamento discursivo de um enunciado proferido por Damares Alves, atual ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, que, após ser divulgado, passou a circular por meio de citações, *memes*, charges etc. na Internet. O enunciado, que foi retomado em diferentes *mídiuns* e por diferentes posicionamentos discursivos, é: "eu vi Jesus num pé de goiaba". O eixo das discussões teórico-metodológicas deste artigo centra-se nos trabalhos de autores da Escola Francesa de Análise de Discurso, principalmente Dominique Maingueneau, por meio dos conceitos de percurso, *ethos* e aforização; Michel Pêcheux, com os conceitos de posição-sujeito, arquivo e memória. Também dialogamos, em alguma medida, com o trabalho de Marie-Anne Paveau (2015 [2013]), principalmente no que se refere ao conceito de virtude discursiva.

O artigo está estruturado em cinco seções, incluindo esta Introdução. Dessa forma, após esse tópico introdutório, descrevemos o acontecimento em que surge o enunciado atribuído a Damares Alves. Em um terceiro momento, apresentamos alguns conceitos teórico-metodológicos que subsidiaram as análises. Em seguida, no tópico 4, procedemos à análise dos dados, momento em que apresentamos, discutimos e problematizamos o percurso do enunciado sob análise. Por fim, apresentamos a Conclusão do trabalho, seguida das Referências utilizadas.

2 Emergência do enunciado atribuído a Damares Alves

A atual ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves, assumiu a pasta no dia 02 de janeiro de 2019, um dia após a posse de Jair Messias Bolsonaro na Presidência da República do Brasil. Antes mesmo de iniciar suas atividades como ministra, quando de sua indicação, anunciada pelo, à época, ministro extraordinário e coordenador da equipe de transição do governo, Onyx Lorenzoni, em 06 de dezembro de 2018, ocorreram reações negativas à referida indicação. Por parte da bancada evangélica, por exemplo, que esperava pela indicação de Magno Malta, de quem Damares havia sido assessora no senado federal, foram feitas críticas. Além de críticas internas ao futuro governo, como as da bancada evangélica, cuja maior parte dos membros apoiou Bolsonaro durante a campanha eleitoral que culminou com sua vitória, ocorreram reações, também negativas, por parte de associações civis que militam pela causa da mulher e de organizações de direitos humanos, as quais, segundo divulgado na/pela mídia, temiam um retrocesso em relação às conquistas já alcançadas por alguns grupos sociais, como, por exemplo, o movimento LGBTI+.(Lésbicas; Gays; Bissexuais; Transexuais, Travestis e Transgênicos; Intersexuais; e Mais), dentre outros.

Após a indicação e já com várias críticas circulando em jornais, revistas, redes sociais, dentre outros *meios*, a futura ministra teve um vídeo, de um evento evangélico de que participou, divulgado na Internet. O vídeo, que começou a circular logo após a indicação de Damares Alves ao ministério e que rapidamente ganhou ampla divulgação, apresentava-a narrando um momento de sua infância em que estava em cima de um pé de goiaba, com o objetivo de cometer suicídio, quando viu Jesus Cristo e desistiu de tentar se matar.

A fala de Damares Alves provocou diversas e diferentes reações na opinião pública, as quais passaram a circular na Internet, produzindo novas reações que retroalimentaram os debates em torno da, à época, pastora indicada a um ministério. A partir dessa conjuntura sócio discursiva, que resumimos acima, elaboramos a seguinte questão-problema: por meio de quais estratégias enunciativo-discursivas a fala da atual ministra passou a circular na mídia e quais efeitos de sentido encontram-se materializados tanto na referida fala quanto nas formas por meio das quais ela foi retomada, seja para ser criticada ou para ser justificada.

Nosso objetivo é, portanto, analisar o funcionamento enunciativo-discursivo de uma formulação linguística atribuída a Damares Alves, atual ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, e que passou a circular na Internet por meio de citações em artigos da mídia brasileira, bem como através de *memes*, charges etc., a fim de discutir questões ligadas tanto ao funcionamento linguístico do referido enunciado, como, por exemplo, os tipos de retomadas e de reconfigurações por meio dos quais tal formulação se (re)constituiu, quanto ao funcionamento discursivo da mesma, verificando, para tanto, questões ligadas ao jogo entre diferentes posições-sujeito que Damares Alves foi convocada a assumir (ministra, mulher, pastora, vítima etc.) e certa relação com a memória discursiva.

3 Percurso da constituição do *corpus*

Na análise dos dados, partimos da noção de percurso, conforme definida por Dominique Maingueneau, para explicar a forma de coleta e seleção do *corpus* que constituiu este artigo. Segundo Maingueneau (2006a), os percursos são um subtipo de unidade não-tópica. As unidades não-tópicas, ainda de acordo com o referido autor, são aquelas que “não são estabilizadas por propriedades que definem fronteiras pré-formadas (qualquer que seja a origem dessa formatação), o princípio que as agrupa é uma decisão tomada exclusivamente pelo analista” (MAINGUENEAU, 2006a, p. 22). Contudo, não se trata, como o próprio autor faz questão de destacar, de uma decisão que se dá pelo capricho do pesquisador, pois há uma série de princípios e técnicas que regulam essa atividade interpretativa. Tais princípios e técnicas, assim como aqueles dos quais trata Pêcheux (1994), estão relacionados, entre outros fatores de ordem enunciativa, à materialidade da língua, pois, ainda segundo Pêcheux: “É à existência desta materialidade da língua na discursividade do arquivo que é urgente se consagrar” (PÊCHEUX, 1994, p. 64). Defendemos, portanto, que os percursos são definidos pelo analista, o qual atua com base em pistas linguísticas (ou, no caso dos dados que analisamos aqui, pistas linguísticas e imagéticas) que o ajudam a decifrar quais caminhos seguir e quais “escolhas” fazer. É isso que ocorre, por exemplo, quando se analisa o percurso de uma fórmula, como fez Krieg-Planque (2010 [2009]) em relação à fórmula “purificação étnica”. Nesse caso, não houve uma escolha aleatória, pois, como indicam as quatro propriedades apresentadas pela referida autora para caracterizar uma fórmula, existe uma vinculação com o nível linguístico, o qual se relaciona, no caso da pesquisa de Krieg-Planque, ao caráter cristalizado da fórmula. Mas, há também outras regularidades, que se relacionam tanto com o nível propriamente discursivo, como, por exemplo, o caráter discursivo da fórmula, quanto com o nível enunciativo, como ocorre no estabelecimento de seu caráter de referente social. Enfim, seja qual for o nível de análise, há sempre algo na discursividade do arquivo que, como disse Pêcheux (1994), é urgente de se consagrar, e que, como afirmou Maingueneau (2006a, p. 22), regula “esse tipo de atividade hermenêutica”.

No caso do *corpus* deste trabalho, a regularidade que nos conduziu na coleta dos dados, feita pelo aplicativo de busca do *Google*, foi o enunciado “Eu vi Jesus num pé de goiaba” e suas variantes, como, por exemplo, “Eu vi Jesus numa goiabeira”. Tais enunciados, quando procurados na Internet, vinculados ao nome de Damares Alves, produziram uma série de respostas, desde artigos em jornais e revistas, passando por postagens em redes sociais, como *Facebook*, até materialidades imagéticas, como *memes* e charges. Em muitos desses materiais, o enunciado “Eu vi Jesus num pé de goiaba” surgia como uma aforização destacada de um texto: a fala de Damares Alves gravada no vídeo. Em alguns casos, o referido enunciado era parte dos títulos de notícias, reportagens ou artigos de opinião. Outras vezes, era uma espécie de legenda de uma charge ou de um *meme*, nos quais aparecia a imagem ou a caricatura de Damares Alves. Contudo, em todos os casos, constatamos que havia sempre uma relação com certa memória. Por isso, apresentamos, a seguir, o conceito de memória que mobilizamos nas análises realizadas neste artigo.

No texto “Papel da memória”, Michel Pêcheux (2007 [1983]) defende que a memória deve ser entendida “nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador” (PÊCHEUX, 2007 [1983], p. 50). Trata-se, portanto, de um conceito interdisciplinar e que, por isso mesmo, permite a “vizinhança flexível de mundos paralelos”, que vão “da referência explícita e produtiva à linguística, até tudo que toca as disciplinas de interpretação” (PÊCHEUX, 2007 [1983], p. 50). Falar em memória é considerar, portanto, uma relação que vai do “visível ao nomeado” (PÊCHEUX, 2007 [1983], p. 51), passando por diferentes níveis de análise. Contudo, independentemente de se tratar de uma materialidade linguística ou imagética, trata-se sempre de uma questão de interpretação, que se dá a partir de um determinado “programa de leitura”, o qual se constitui numa “dialética da repetição e da regularização” (PÊCHEUX, 2007 [1983], p. 52). É, pois, com base nesse jogo entre repetição e regularização que a memória funciona, ainda segundo Pêcheux, como “a condição do legível em relação ao próprio legível” (PÊCHEUX, 2007 [1983], p. 52).

Retornando, mais uma vez, ao *corpus* deste trabalho, temos um enunciado que foi produzido em 2016, pela pastora Damares Alves, por meio de um testemunho, no púlpito de uma igreja evangélica. O enunciado é: “/.../ e quando eu ia comer o veneno aconteceu algo extraordinário/ eu vi Jesus se aproximando do pé de goiaba /.../”. Esse enunciado de Damares funciona, nos termos de Pêcheux (2007 [1983], p. 52), como um acontecimento que se dá a ler e, em um primeiro momento, parece ceder ao “jogo de força que visa manter uma regularização pré-existente com os implícitos” que ele veicula (PÊCHEUX, 2007 [1983], p. 53), pois está ajustado tanto à situação de enunciação quanto ao sujeito de discurso que o enuncia. Contudo, quando Damares Alves é indicada para o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, esse enunciado retorna e passa a circular na mídia de diferentes formas, produzindo uma “desregulação” que vem perturbar a rede de ‘implícitos’” (PÊCHEUX, 2007 [1983], p. 53). Isso porque essa “retomada” do enunciado insere-se numa conjuntura de mudança, tanto em relação à posição-sujeito ocupada por Damares Alves, lá uma pastora evangélica e aqui um sujeito político indicado a um ministério do Governo Federal, quanto em relação ao “ambiente” de produção, lá o púlpito de uma igreja evangélica e aqui jornais, revistas e redes sociais que circulam na/pela rede internacional de computadores. São justamente essas mudanças em relação ao sujeito que enuncia, bem como no que se refere aos modos de divulgação e circulação do enunciado, ambos funcionando em relação a certa memória, que nos propomos a analisar neste artigo. Nessa análise, consideraremos também o conceito de virtude discursiva, conforme proposto por Marie-Anne Paveau (2015 [2013]), que defende uma dimensão moral do discurso, partindo da hipótese de que “o discurso será um ‘sucesso’, um ‘bom’ discurso, um ‘discurso virtuoso’, se decorrer da virtude discursiva” (PAVEAU, 2015 [2013], p. 213). Ainda segundo a autora, o discurso virtuoso é aquele que está

[...] ajustado aos valores vigentes na realidade complexa e instável dos agentes de seu ambiente. Esse ajuste diz respeito a três elementos: os agentes e suas relações /.../, o mundo /.../ e o conjunto das

produções verbais que constituem a memória discursiva das sociedades /.../ (PAVEAU, 2015 [2013], p. 214).

Na citação acima, excluímos o que a autora colocou entre parêntese a fim de definir o que são cada um desses elementos, ou seja, o que, dentro de sua perspectiva teórica, ela entende por agentes e suas relações, por mundo e por memória discursiva. O apagamento dessa parte da citação justifica-se pelo fato de, neste artigo, não assumirmos as concepções teóricas de Paveau (2015 [2013]) em sua integralidade, pois não trabalhamos com noções que lhe são caras, como por exemplo, a de cognição distribuída e a de linguística simétrica. O objetivo de somar, à discussão que propomos aqui, as contribuições da noção de virtude discursiva de Paveau (2015 [2013]) é tão somente problematizar, por uma perspectiva ética, o jogo entre memória e atualidade que configurou o acontecimento discursivo de retomada/reconfiguração de um enunciado atribuído à atual ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos¹.

4 Análise do *corpus*

O enunciado de Damares Alves que ganhou ampla divulgação na mídia foi proferido durante um testemunho em um congresso evangélico, em que ela afirma que teria visto Jesus quando estava tentando se matar em um pé de goiaba. Vejamos a transcrição de parte do vídeo em que Damares Alves diz ter tido uma experiência extraordinária com Jesus Cristo:

1. Aos dez anos de idade, eu quis me matar/ eu vou falar por código porque pode ter criança me assistindo. Eu peguei uma substância, entenderam?/ e eu ia tomar aquela substância/ mas, vou contar uma coisa pra vocês/ a casa do meu pai era uma casa pastoral no fundo da igreja/ e do lado da casa de meu pai tinha um pé de goiaba /e é naquele pé de goiaba que eu subia e chorava/ e no dia que eu estava com veneno em cima do pé de goiaba/ aconteceu algo extraordinário/ preste atenção/ vocês acreditam se vocês quiserem/ mas eu não subiria no púlpito para mentir/ eu tava em cima do pé de goiaba com o veneno na mão/ e quando eu ia comer o veneno aconteceu algo extraordinário/ eu vi Jesus se aproximando do pé de goiaba/ eu tive uma revelação extraordinária/ olha aqui irmão, deixa eu dizer uma coisa pra vocês/ Jesus quer ter experiências extraordinárias com as crianças/ acreditem nisso /.../ eu tive a minha experiência aos dez anos com Jesus em cima de um pé de goiaba e foi incrível /.../ e quando eu vi Jesus, irmãos, eu esqueci o veneno /.../ eu não tomei o veneno/ e daqui a pouco, Jesus Cristo começou a se aproximar do pé de goiaba, e ele olhava pra mim/ ele era tão lindo/ ele tinha uma roupa comprida, uma barba comprida/ aquela visão que a criança tem

¹ Aqui, fazemos referência à noção de acontecimento apresentada por Pêcheux (2006 [1988]), para quem o acontecimento é o “ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória” (PÊCHEUX, (2006 [1988], p. 17).

de Jesus /.../ Jesus Cristo começou a subir no pé de goiaba/ e quando eu vi Jesus subindo no pé de goiaba e eu pensava assim na minha cabeça: não sobe Jesus, você não sabe subir em pé de goiaba. Você vai cair, e você vai se machucar/ já te machucaram tanto na cruz. Eu amava tanto Jesus, irmãos/eu amava tanto e eu não ia mais para o céu, mas eu não queria que Jesus se machucasse caindo do pé de goiaba/ mas eu vou contar uma coisa que a igreja não sabe/ Jesus é tão poderoso, tão poderoso, que ele conseguiu subir no pé de goiaba sem cair /.../ e ele foi pro galho onde eu estava/ e, lá naquele galho no pé de goiaba, Jesus Cristo me deu o abraço que a igreja não deu/ Jesus Cristo me deu o abraço que mamãe e papai não me deram/ e naquele pé de goiaba acontece um milagre/ a menininha que satanás quis esmagar aos seis anos de idade/ foi transformada e essa menininha hoje tá lá no senado federal escrevendo leis para salvar crianças no Brasil/ essa menininha tá andando pelo Brasil dizendo igreja cuida de Joás²/ a minha vida transformou ali/ olha aqui/ talvez eu venho aqui nessa igreja hoje, que não tava combinado, porque algumas pessoas precisavam saber que Jesus Cristo sobe em pé de goiaba/ talvez tenha alguma pessoa, alguma mulher, algum homem aqui que ainda está em cima do pé de goiaba porque te machucaram na infância/ deixa eu te dizer uma coisa/ nessa manhã, Jesus Cristo está subindo no seu pé de goiaba /.../ (Transcrito de: <https://bit.ly/3kLDLwl>. Consultado em 15/08/2020).

A fala de Damares é um testemunho, gênero muito comum em igrejas cristãs evangélicas, principalmente nas pentecostais e neopentecostais. No testemunho, algum membro da igreja (ou mesmo um visitante) fala ao público presente de algo que Deus ou Jesus Cristo operou em sua vida, geralmente um milagre. No caso em tela, Damares, que é pastora evangélica, conta aos presentes como teve uma experiência extraordinária com Jesus Cristo.

Na fala da pastora, constatamos que o lugar enunciativo assumido por ela é o de cristã evangelizadora, que busca convencer os presentes de que Jesus Cristo é capaz de realizar coisas extraordinárias, como ela mesma repete várias vezes. Além desse lugar, no testemunho, Damares Alves assume também o lugar de sujeito político, quando afirma “Essa menininha hoje tá lá no senado federal escrevendo leis para salvar crianças do Brasil”, bem como o lugar de pregadora e de líder religiosa que, nas palavras dela “tá andando pelo Brasil dizendo igreja cuida de Joás”.

² “Joás ou Jeoás (885 - 839 a.C.) foi o 8º rei de Judá. Ele era filho de Acazias, e sua mãe era Zibia de Berseba. Começou a reinar em com apenas sete anos de idade e reinou durante quarenta anos em Jerusalém sobre Judá” (In: Wikipédia, <https://bit.ly/3g6svqR>. Consultado em 17/08/2020). Num esforço hermenêutico, supomos que a referência a Joás, feita pela pastora Damares Alves, está relacionada ao fato de ela dizer, logo acima de tal referência, que escreve “leis para salvar crianças no Brasil”. Nesse sentido, ela apresenta-se como quem cuida das crianças do Brasil, assim como o sumo sacerdote Joiada que, segundo o relato bíblico, cuidou de Joás, que era uma criança, fazendo-o prosperar (BÍBLIA SAGRADA, II REIS, 11, 8).

Pelo exposto, verificamos, na fala de Damares Alves, a materialização de quatro posições-sujeito³: i) a fiel que testemunha a ação de Jesus Cristo em sua vida (e quando eu ia comer o veneno aconteceu algo extraordinário/ eu vi Jesus se aproximando do pé de goiaba); ii) a evangelizadora que leva a palavra de Cristo aos demais irmãos (mas eu vou contar uma coisa que a igreja não sabe/ Jesus é tão poderoso, tão poderoso, que ele conseguiu subir no pé de goiaba sem cair /.../; deixa eu te dizer uma coisa/ nessa manhã, Jesus Cristo está subindo no seu pé de goiaba /.../); iii) a líder/ pastora que indica o caminho aos fiéis e que sobe ao púlpito para formá-los (deixa eu dizer uma coisa pra vocês/ Jesus quer ter experiências extraordinárias com as crianças/ acreditem nisso; preste atenção/ vocês acreditam se vocês quiserem/ mas eu não subiria no púlpito para mentir); e iv) a assessora de um senador da república, no caso, Magno Malta (essa menininha hoje tá lá no senado federal escrevendo leis para salvar crianças do Brasil). Nesse sentido, se considerarmos o ambiente em que estava a pastora e a situação à qual estava submetida, verificamos que a fala dela funciona como uma forma de evangelização, retomando uma memória acerca dos testemunhos que ocorrem em momentos de culto em igrejas cristãs evangélicas. Nesse caso, o *ethos*⁴ da pregadora/evangelizadora que, em muitos momentos de sua fala, mostra-se emotivo, exortativo e exaltado condiz com o testemunho evangelizador que ela profere. Isso porque, mesmo que a posição-sujeito político (assessora de um senador), seja ali reafirmada, não é esse lugar que Damares Alves é convocada a ocupar naquele culto.

Contudo, quando é anunciada como futura ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, a fala de Damares no culto passa a não estar mais ajustada (para usar um termo de Paveau 2015 [2013]) ao lugar de sujeito

³ Para tratar do sujeito do discurso, Pêcheux, em um primeiro momento da AD, define discurso como efeito de sentido entre os pontos A e B e defende que os elementos A e B “designam lugares determinados na estrutura de uma formação social, lugares dos quais a sociologia pode descrever o feixe de traços objetivos característicos” (PÊCHEUX, 1993 [1969], p. 82). Em um segundo momento de sua elaboração teórica, Pêcheux (1988 [1975]) parte da tese de Louis Althusser sobre o processo de interpelação, a fim de mostrar que os indivíduos são interpelados, ideologicamente, em sujeitos dos seus discursos a partir das FD que os dominam. Contudo, mais tarde, em um texto de 1978, Pêcheux defende que o sujeito é constituído não apenas pela ideologia, pois é afetado também pelo inconsciente. Em um texto de 1983, o mesmo autor argumenta que “todo discurso é índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento no seu espaço” (PÊCHEUX, 2006 [1983], p. 56). Em síntese, a noção de posição-sujeito é apresentada no texto de 1975, mas começa a ser elaborada ainda no texto de 1969 e continua a sê-lo nos últimos textos do referido autor, como é o caso do texto de 1983. Nesse sentido, acreditamos que Possenti (2004) resume bem essa problemática do sujeito para AD, quando afirma que: “a AD rompe com a concepção de sujeito uno, livre, caracterizado pela consciência (isto é, sem inconsciente, sem ideologia) e tomado como origem. No entanto, continuam em aberto muitas possibilidades de especificação” (POSSENTI, 2004, p. 388).

⁴ Ethos é uma noção que surge na retórica antiga e que é reconfigurada por Maingueneau para funcionar como um conceito operacional na Análise de Discurso. Para o referido autor, trata-se de uma noção que permite “refletir sobre o processo mais geral de adesão de sujeitos a uma certa posição discursiva” (MAINGUENEAU, 2005, p. 69). Ainda segundo Maingueneau, o ethos revela, por meio da enunciação, “a personalidade do enunciador” /.../. Essa noção de ethos compreende não só a dimensão propriamente vocal, mas também o conjunto de determinações física e psíquicas ligadas pelas representações coletivas à personagem do enunciador” (MAINGUENEAU, 2004, p. 98). No caso em tela, a enunciadora, que está na posição-sujeito de evangelizadora, enuncia deste lugar e assume um tom que permite a seu coenunciador construir uma representação do corpo enunciativo, o qual não tem relação com o corpo do indivíduo empírico.

político. Portanto, quando o referido vídeo passa a circular na Internet, aquilo que, em outra situação enunciativa, poderia depor a favor do sujeito discursivo pastora cristã, passa a depor contra o sujeito discursivo ministra. Assim, o que era, do lugar de liderança religiosa, visto como unção, emoção e até mesmo autoridade do hiperenunciador⁵, que fala em nome de Deus e/ou de Jesus Cristo, passa a ser visto como exagero e desequilíbrio. É o que podemos constatar nos seguintes excertos:

2. *VÍDEO: “Eu vi Jesus no pé de goiaba”, diz Damares Alves, futura ministra de Bolsonaro*
Nossa futura ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, senhoras e senhores.
Misericórdia (In: <https://bit.ly/3kLDLwl>. Publicado em 11/12/2018. Consultado em 15/08/2020 - Grifos nossos).
3. *Declaração de Damares Alves sobre Jesus na goiabeira vira meme*
Vídeo da ministra de Bolsonaro com declaração inusitada viralizou nas redes sociais
Indicada para o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves virou piada nas redes sociais nesta quarta-feira, 12, após dar uma declaração inusitada sobre sua crença em Jesus Cristo
A pastora afirmou, em um vídeo de um congresso evangélico, que viu Jesus subir em um pé de goiaba, quando ela tinha 10 anos de idade (In: <https://bit.ly/3h3bdMx>. Publicado em 12/12/2018. Consultado em 15/08/2020 - Grifos nossos).
4. *Patética, Damares e seu Jesus de pé de goiaba.*
Seria cômico se não fosse deprimente e assustador.
Damares Alves, já quase ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos protagoniza, no Youtube, um vídeo patético, onde conta que, aos dez anos de idade, pegou “uma substância”, subiu num pé de goiaba e ia se matar, pois estava “esmagada por Satanás desde os seis anos de idade” (In: <https://bit.ly/2Y2AIX2>. Publicado em 12/12/2020. Consultado em 15/08/2020 - Grifos nossos).

Nos exemplos acima, a crítica surge da associação da fala de Damares Alves ao seu novo cargo de ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Nos trechos grifados, vemos que há a materialização de um efeito de incompatibilidade entre dizer “Eu vi Jesus no pé de goiaba” e ser “Nossa futura ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos”, como vemos em 2; ou entre ser “Indicada para o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos” e virar “piada” devido à “declaração inusitada”, como indicado em 3; ou ainda, ser “já quase ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos” e protagonizar “um vídeo patético”, como em 4. Por outro lado, por mais que o

⁵ De acordo com Maingueneau (2006b, p. 93), “o hiperenunciador é aquele cuja autoridade garante menos a verdade do enunciado – no sentido estreito de uma adequação a um estado de coisas do mundo –, e mais amplamente sua ‘validade’, sua adequação aos valores, aos fundamentos de uma coletividade”. No caso em tela, trata-se da coletividade da comunidade cristã evangélica a qual a pastora Damares Alves se dirige.

efeito de inadequação surja exatamente pela relação entre o que foi dito e o cargo de ministra, há a retomada de uma memória que relaciona Damares Alves ao lugar que ela ocupava quando de sua fala, gravada no polêmico vídeo, como vemos em: “A pastora afirmou, em um vídeo de um congresso evangélico”. Esse trecho do excerto 3 indica a materialização de uma memória que relaciona Damares Alves tanto ao lugar de pastora como ao evento do qual ela participava quando da gravação do vídeo, em 2016.

Mas, há também formulações que defendem Damares e até mesmo indicam certa indignação em relação aos comentários feitos contra ela após a divulgação do referido vídeo. Vejamos algumas dessas formulações:

5. É surreal e extremamente vergonhoso ver setores da grande mídia (entenda-se TV aberta e jornais impressos) debocharem do relato da futura ministra Damares Alves sobre a fé em Jesus Cristo, que, a livrou de um suicídio desejado por conta de abusos sofridos na infância. É lamentável! (TWITTER Jair Bolsonaro. Publicado em 13/12/2018. Consultado em 15/08/2020 - Grifos nossos)

6. *Usar 'Jesus na goiabeira' contra Damares é fruto bichado da esquerda*
 Episódio foi evocado com ares de chacota pelos deputados Erika Kokay (PT) e Túlio Gadêlha (PDT)
 Você gosta da Damares Alves?
 /.../
 Tudo bem não admirar a titular do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, paladina de causas tidas por muitos como daninhas a mulheres de todas as classes, famílias em suas mais variadas formações e direitos humanos que não valham apenas para "humanos direitos".
 Se for o seu caso, você pode e deve criticar a ministra. O problema é quando a mesma esquerda que sempre se dispôs a zelar por minorias se refestela com um dos momentos mais vulneráveis da vida de Damares.
 Falo do "Jesus e o pé de goiabeira", episódio recentemente evocado com ares de chacota pelos deputados Erika Kokay (PT-DF) e Túlio Gadêlha (PDT-PE).
 /.../
 Não importa se você é de esquerda, de direita, flamenguista, corintiana, carnívora ou fã do churrasco de melancia grelhada da Bela Gil. Um abuso é sempre um abuso: deixa marcas indelévels em uma mulher (In: <https://bit.ly/30XmhoO>. Publicado em 16/04/2019. Consultado em 15/08/2020 - Grifos nossos).

7. **RETRATAÇÃO**
 Hoje, 13 de dezembro, mostraram-me um áudio de um depoimento da futura ministra Damares Alves sobre uma cena envolvendo uma experiência religiosa na infância. Eu estava irritado com a ministra por declarações anteriores e publiquei posts imediatos no Insta e no Face ironizando o trecho que eu tinha ouvido. Só ouvi a história de Jesus e da goiabeira. Eu não sabia de mais nada, especialmente sobre existir um abuso sexual. Soube depois e fiquei muito incomodado com minha atitude.

Fui precipitado, julguei de forma equivocada e reagi de forma atabalhoada. Ironizei sem saber da dor e julguei uma concepção religiosa /.../ (In: <https://bit.ly/3gVLoOt>. Publicado no *Facebook* de Leandro Karnal, em 13/12/2018. Consultado em 15/08/2020 - Grifos nossos).

Nos exemplos acima, tanto quando se refere a terceiros, como no *Twitter* do presidente Bolsonaro, que critica “setores da grande mídia (entenda-se TV aberta e jornais impressos)”, ou no artigo de opinião de Anna Virginia Balloussier, que dialoga com um “você” genérico, como quando se faz uma aparente autocrítica, como é o caso do *post* de Leandro Karnal, há um funcionamento diverso do que vimos no primeiro bloco de análises. Aqui, não há referência ao lugar de pastora, evangelizadora ou líder religiosa, mas apenas ao lugar de ministra (futura ministra Damares Alves, em 5; titular do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, em 6; e futura ministra Damares Alves, em 7), que é posto em relação com o lugar de mulher vítima de abusos sexuais (“a livrou de um suicídio desejado por conta de abusos sofridos na infância”, em 5; “Um abuso é sempre um abuso: deixa marcas indeléveis em uma mulher”, em 6; e “Eu não sabia de mais nada, especialmente sobre existir um abuso sexual”, em 7). Nesse caso, o desajuste que viola a virtude discursiva reside no fato de que fazer chacota e/ou ridicularizar uma mulher, que se tornou ministra, e que sofreu abusos sexuais cria “um problema de aceitabilidade ética” que, nesse caso específico, “é incompatível com o valor de respeito à pessoa” (PAVEAU, 2015 [2013], p. 215). Aqui, a memória discursiva é evocada tanto em relação à proteção aos direitos da mulher quanto em relação ao dever cívico de se respeitar uma pessoa pública que assumirá um importante cargo no governo brasileiro, mesmo sendo esse governo contrário às causas feministas. Ou, exatamente por isso, já que, muitos dos textos que defendem Damares Alves e criticam aqueles que fizeram piadas do vídeo sobre o encontro dela com Jesus Cristo no pé de goiaba recorrem ao argumento de que isso poderia até se esperar de um governo como o de Bolsonaro, mas nunca de movimentos ou de pessoas que se dizem vinculadas às causas da esquerda. Aqui, remetemos a um trecho bastante interessante de um texto publicado por Possenti e Motta (2011), em que os autores propõem ensaiar uma semântica global para as formações discursivas (ou posicionamentos) de direita e de esquerda. Segundo eles:

Se quiséssemos ensaiar uma semântica “global” (ver Maingueneau, 1984) dessas duas formações discursivas (aceitemos essa categoria, por ora), certamente os semas /igualdade/ e /justiça/ seriam os fundamentais da esquerda e os semas /diferença/ e /ordem/ seriam os fundamentais da direita (POSSENTI & MOTTA, 2011, p. 209-210).

Nessa perspectiva, o argumento dos que criticam as piadas feitas, supostamente pela esquerda, sobre o episódio de Damares e seu encontro com Jesus Cristo no pé de goiaba, estariam ferindo o sema /igualdade/, uma vez que, segundo indica o texto de Balloussier:

Se uma garotinha umbandista lhe relatasse que Iemanjá a salvou após ter sido molestada por aquele que deveria ser seu guia espiritual, quem estaria zombando dela? Ah, mas os evangélicos são diferentes, eles que perseguem minorias, como os LGBTQ e os seguidores de religiões afro-brasileiras. Verdade: boa parte de um segmento que aderiu em peso ao bolsonarismo torce o nariz para essas duas franjas sociais (In: <https://bit.ly/30XmhoO>. Publicado em 16/04/2019. Consultado em 15/08/2020).

Logo, segundo o argumento desenvolvido nessa parte do texto, a esquerda não trata os evangélicos da mesma forma que trata, por exemplo, os umbandistas.

Além disso, os que riem de Damares estariam ferindo também o sema /justiça/, pois, de acordo com o texto de retratação de Karnal, quem fez deboche de Damares Alves estaria ironizando “sem saber da dor” e julgando “uma concepção religiosa”.

Contudo, neste artigo buscamos também problematizar essa interpretação que foi apresentada como algo dado e inquestionável. Ora, nenhuma das críticas ou das piadas sobre Damares Alves e seu suposto encontro com Jesus Cristo em um pé de goiaba são feitas considerando o abuso que ela sofrera, até porque o trecho do vídeo divulgado, como visto no excerto 1 deste texto, não faz referência ao abuso. As piadas surgem, como visto no primeiro bloco de análises, com base na suposta incoerência ou incompatibilidade entre a imagem de uma ministra do governo federal e a imagem de uma pastora que narra, em um tom exaltado e exortativo, um episódio de foro íntimo e que pode estar relacionado com uma fantasia infantil. Portanto, se há desajuste em relação aos valores vigentes na sociedade quando se critica Damares Alves por ela ter, do lugar de pastora, narrado seu encontro com Jesus Cristo, uma vez que isso não há desabonaria, em princípio, a assumir o cargo de Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos⁶; há também desajuste nas críticas feitas àqueles que a censuraram ou a ridicularizaram pela narrativa de seu encontro com Cristo, pois tais críticas não consideram, de fato, o que é dito nos textos que tematizam o referido “encontro”. Nesse ponto, surge uma outra questão a ser problematizada nesse artigo: grande parte dos textos que retomam o episódio narrado por Damares Alves no congresso evangélico de 2016 são textos de humor, principalmente charges e *memes*.

O humor, de acordo com o que defende Possenti (2010), se faz sobre temas controversos e em “solo tipicamente pisoteado” (POSSENTI, 2010, p. 12). O tema do encontro da ministra Damares Alves com Jesus Cristo em um pé de goiaba é controverso, principalmente se considerarmos, como visto

⁶ O que a desabona são outras questões. Em um artigo de 20 de dezembro de 2018, no site *Justificando*, cujo título é “Uma anti-ministra para um antiministério”, Léo Nader apresenta alguns argumentos por meio dos quais questiona a indicação de Damares Alves como ministra e que vão desde a destituição da pauta das mulheres, uma vez que, segundo o texto, “/.../ a futura ministra deu declarações preocupantes sobre o papel da mulher na sociedade e pareceu culpar a flexibilização dos papéis tradicionais como causa da violência contra a mulher. Teve o disparate de dizer que ao ensinarmos os meninos a tratar ‘meninas’ como meninas’ resolveríamos o problema da violência” (In: <https://bit.ly/2DZYQGt>. Publicado em 20/12/2018). Consultado em 14/08/2020), até o apoio da ministra ao projeto “Escola Sem Partido”.

acima, a alternância entre as posições-sujeito de pastora e de ministra, pois não há nada de incomum no testemunho de uma pastora que tem um “encontro” com Cristo, isso, inclusive é esperado dentro do campo religioso⁷. Contudo, quando se substitui o lugar de pastora pelo de ministra, surge um suposto desajuste entre sujeito, mundo e memória (PAVEAU, 2015 [2013]). É esse desajuste que permite o estabelecimento da controvérsia, uma vez que, como defende Possenti (2010), temas controversos são aqueles “sobre os quais há uma razoável plethora de discursos, cada um deles enfocando o tema de um ângulo ou posição diferente” (POSSENTI, 2010, p. 12). No que se refere ao “solo tipicamente pisoteado”, logo que o vídeo começa a circular, surge uma polêmica em torno de se crer ou não no aparecimento de uma divindade. Desse modo, os textos que tratam do suposto encontro da pastora Damares Alves com Jesus Cristo no pé de goiaba problematizam essa crença da referida pastora, devido, principalmente, à sua indicação ao cargo de ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Mas, além disso, na análise dos *memes* e das charges, vemos que tais materialidades imagéticas recorrem, também, a estereótipos que circulam socialmente. É o que podemos constatar nos exemplos que analisamos neste artigo.

Vejamos, a seguir, o primeiro destes exemplos:

Figura 1



(In: <https://bit.ly/3fYspSc>. Publicado em 13/12/2018. Consultado em 15/08/2020)

Nesse primeiro *meme*, vemos a retomada de uma memória que se vincula ao discurso da segregação da loucura. Em um texto clássico, Foucault (2002 [1971]) discute os efeitos discursivos da separação ou rejeição da loucura. Segundo o autor, essa rejeição do louco funciona como um procedimento externo de exclusão que atinge o discurso⁸. Na imagem acima, “Jesus Cristo” se dirige a “Damares Alves” e pede para ela descer do pé de goiaba. O efeito de

⁷ De acordo com Possenti (2010), “a noção de campo foi proposta por Bourdieu. O traço principal de um campo, descobriu-se, é que seus membros seguem regras específicas” (POSSENTI, 2010, p. 172). Maingueneau (2010) retoma a noção de campo de Bourdieu (1980) e propõe “transpor o campo de Bourdieu em ‘campo discursivo’, considerado como um espaço no interior do qual interagem diferentes posicionamentos” (MAINGUENEAU, 2010, p. 50). É essa noção de campo discursivo de Maingueneau que assumimos aqui.

⁸ Além da segregação da loucura, Foucault (2002 [1971], p. 19) trata de mais “sistemas de exclusão que atingem o discurso”. São eles: a palavra proibida ou interdição e a vontade de verdade.

humor se dá tanto pela cena inusitada, que apresenta a pastora pendurada de cabeça para baixo em um galho de árvore e uma imagem de Jesus Cristo embaixo dela, olhando-a boquiaberto, quanto pela formulação linguística que acompanha a imagem e que é encenada como se fora Jesus falando com Damares. Na referida formulação, o vocativo “Miga!”, muito usado na comunicação entre adolescentes e jovens na atualidade, seguido da referência ao medicamento Rivotril (ansiolítico que tem efeito sedativo), atualmente também muito usado entre jovens e adultos que buscam controlar insônia e ansiedade, e da expressão “sua loka”, produz o efeito de que Damares Alves é alguém que tem distúrbios psiquiátricos. Isso explicaria seu suposto encontro com Cristo ao mesmo tempo em que a impossibilitaria de assumir o cargo de ministra, pois, conforme indica Foucault (2002 [1971], p. 10), “/.../ o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros”. Nesse caso, vemos a retomada de um estereótipo⁹ acerca do louco e da loucura e este é um “solo tipicamente pisoteado”, para retomar o argumento de Possenti (2010). Essa memória acerca do discurso do louco sustenta muitos dos *memes* que evocam o suposto encontro de Damares Alves com Jesus Cristo no pé de goiaba.

Há, ainda, outro estereótipo que é retomado nos *memes* e charges que tematizam o encontro da atual ministra com Jesus Cristo; trata-se da retomada do estereótipo do dependente químico e da memória acerca do uso de drogas. É o que vemos na charge a seguir:



(In: <https://bit.ly/325rYIU>. Publicado em 13/12/2018. Consultado em 15/08/2020)

Na charge acima, há duas caricaturas: a de Damares Alves e a de Jesus Cristo. A primeira afirma que viu Jesus na goiabeira. O segundo pede para que a primeira largue as drogas. Na materialidade acima, há ainda a imagem de microfones que estão abaixo da caricatura de Damares Alves, o que produz o efeito de que ela falou sobre seu encontro com Cristo em uma espécie de

⁹ O termo “estereótipo” surge relacionado ao campo da tipografia e diz respeito a algo que é “impresso com placas cujos caracteres não são móveis e se conservam para novas tiragens” (Tradução nossa de: “impreso con planchas cuyos caracteres no son móviles, y que se conservan para nuevos tirajes”) (LAROUSSE, 1875 *apud* AMOSSY & PIERROT, 2005 [1997], p. 30). A palavra estereotipia liga-se, portanto, à ideia de rigidez, pois supõe algo que não se modifica, algo fixo, cristalizado. Trata-se, portanto, de “[...] representações cristalizadas, esquemas culturais preexistentes, através dos quais cada um filtra a realidade de seu entorno” (Tradução nossa de: “[...] representaciones cristalizadas, esquemas culturales preexistentes, a través de los cuales cada uno filtra la realidad del entorno”) (AMOSSY & PIERROT, 2005 [1997], p. 32).

entrevista coletiva, o que, de fato, não correu, ao menos em um primeiro momento (pois, depois, Damares deu algumas entrevistas retomando o episódio), já que, como dito, a narrativa do encontro com Jesus foi feita em um congresso evangélico, no qual Damares Alves falava do lugar de pastora. Contudo, a imagem dos microfones remete ao efeito de espetacularização produzido na/pela fala da atual ministra.

Os indícios linguísticos e imagéticos indicam que o estereótipo retomado para caracterizar a, à época futura ministra, é o da “drogada”. Essa memória do usuário de drogas como alguém que se aproxima, em alguma medida, do louco também produz segregação. Mais uma vez, é a incompatibilidade entre imagens, nesse caso a de pastora e a de usuário de drogas, que produz o efeito de humor. Além disso, há também a retomada de certo discurso segundo o qual usuários de drogas seriam pessoas de esquerda (são vários os textos que apresentam aqueles que simpatizam com ideais de esquerda como sendo “drogados”, inclusive os intelectuais e professores universitários). Nesse caso, há uma negação irônica desse discurso, na medida em que, na charge, quem supostamente usa drogas é uma pastora evangélica, vinculada a um governo de extrema direita e não um membro da esquerda.

Além da retomada de certos estereótipos, há, nos dados analisados, a retomada de um discurso de crítica ao governo Bolsonaro. É o que indica o exemplo abaixo:

Figura 3



(In: <https://bit.ly/3kQC159>. Publicado em 13/12/2018. Consultado em 15/08/2020)

Aqui, a memória discursiva retomada é aquela que vincula o governo de Jair Messias Bolsonaro à corrupção política. A caricatura de Damares Alves, com goiabas na mão direita, o que remete ao episódio do encontro dela com Jesus no pé de goiaba, e laranjas na mão esquerda, que remete à pessoa que cede seu nome, voluntária ou involuntariamente, para ser usado em transações ilícitas, indica uma crítica a dois momentos do atual governo¹⁰.

¹⁰ Na verdade, a crítica é feita a duas posições assumidas, segundo os críticos, pelo atual governo federal: a do fundamentalismo religioso e a da corrupção política.

O episódio do encontro de Damares com Jesus Cristo no pé de goiaba coincide com as primeiras denúncias contra Fabrício Queiroz (ex-motorista do deputado estadual do Rio de Janeiro, Flávio Bolsonaro, que é filho do presidente Jair Bolsonaro), feitas por meio do relatório do Controle de Atividades Financeiras (COAF), em dezembro de 2018. Na charge, vemos a materialização de uma crítica humorística feita por meio da relação entre esses dois acontecimentos. A memória acerca do episódio do encontro com Jesus Cristo no pé de goiaba é retomada na caricatura de Damares Alves segurando goiabas, mas também na formulação linguística, segundo a qual “Jesus gosta de goiaba”. No caso da ligação com o caso Queiroz, essa encontra-se materializada tanto na caricatura da futura ministra segurando laranjas quanto na segunda parte da formulação linguística, em que lemos: “Mas o Messias é doido por laranja”. A relação com o governo Bolsonaro marca-se na imagem do brasão da república e no enunciado “O Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos informa”, que retoma uma fórmula utilizada em pronunciamentos oficiais (“O ministério informa/ O governo X informa”). O gatilho para o riso, no caso da formulação linguística, ocorre na aparente quebra de expectativas, devido ao duplo efeito de sentido materializado no termo Messias, que remete tanto à figura de Jesus Cristo, quanto ao sobrenome do atual presidente. Dizemos aparente quebra de expectativas porque, diferentemente das piadas textuais, as charges, assim como os *memes*, já indicam, nas imagens que as constituem, seu caráter humorístico.

5 Conclusão

Nas análises, vimos que o enunciado atribuído a Damares Alves foi retomado por diferentes *mídiuns* e de variadas formas, como, por exemplo, por meio de aforizações em títulos e intertítulos, citações em discurso direto, e também por meio de outras materialidades, como charges e *memes*. Em relação às materialidades linguísticas que retomam o enunciado “Eu vi Jesus num pé de goiaba”, vimos que é possível dividi-los, *grosso modo*, em dois grupos: aqueles que retomam o enunciado da atual ministra para criticá-lo, indicando uma incompatibilidade ou um desajuste no que diz respeito ao que ela diz no enunciado proferido durante o congresso evangélico e o lugar de ministra, o que fere a relação entre os agentes e a memória discursiva; e os que a defendem, por meio da tese de que os que a criticam ferem à “aceitabilidade ética” (PAVEAU, 2015 [2015], 2013) pois não considerarem o valor do respeito à pessoa. De acordo com Paveau (2015 [2013], p. 215), esse tipo de desajuste revela uma inadequação no que diz respeito “à inter-relação entre os agentes e à trama discursiva”. Contudo, mostramos que o argumento dos defensores de Damares Alves apresenta, ele também, desajustes no que se refere à realidade e suas representações, o que Paveau (2015 [2013] define como “o mundo”, pois eles fundamentam suas críticas aos que “riem” ou que criticam Damares no fato de ela ter sofrido abuso sexual na infância, sendo isso que a levou a subir no pé de goiaba para suicidar-se. Contudo, esse fato não aparece nos textos que criticam/ ridicularizam a fala de Damares Alves e, ao menos em tese, não era conhecido da opinião pública quando da divulgação da parte do vídeo em que a

pastora e atual ministra narra seu suposto encontro com Jesus Cristo no pé de goiaba. Em relação às outras materialidades aqui analisadas, constatamos que o efeito de humor, o qual se faz presente tanto nas charges quanto nos *memes*, se dá por referência indireta a certos estereótipos que se encontram cristalizados na memória social, como o do “louco” e o do “drogado”, bem como retomam críticas feitas a ações e/ou omissões do governo Bolsonaro. Nesse caso, a ministra Damares Alves é criticada não por atos isolados, sejam eles anteriores à sua atuação como ministra ou concomitantes a ela, mas, principalmente, pelo seu vínculo com o atual governo.

Em suma, os resultados indicam que as análises discursivas ajudam a explicar alguns aspectos das relações sócio históricas, mas é preciso estar atento também ao funcionamento dos fatores linguístico-enunciativos, para não reduzir e/ou apagar a importância de cada um desses aspectos.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth; PIERROT, Anne Herschberg. **Estereotipos y clichés**. Traducción y adaptación: Lelia Gándara. 1ª. ed. 4ª reimpressão. Buenos Aires: Eudeba, 2005 [Primeira Edição: 1997] (Enciclopédia Semiológica).

BÍBLIA SAGRADA. Tradução dos originais pelo Centro Bíblico Católico. Revista por Frei João Pedreira de Castro. 103 ed. São Paulo: Editora Ave-Maria (versão protestante/evangélica), 1996.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso** – aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 8ª Ed. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2002 [Primeira Edição: 1971].

KRIEG-PLANQUE, Alice. **A noção de “fórmula” em análise do discurso: quadro metodológico**. Tradução: Luciana Salazar-Salgado e Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. O ethos. In: _____. **Análise de textos de comunicação**. Tradução: Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva. 3a. ed. São Paulo: Cortez, 2004. p. 95-103.

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. In: **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. Ruth Amossy (Org.). Tradução: Dilson Ferreira da Cruz; Fabiana Komesu; Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005. p. 69-92.

MAINGUENEAU, Dominique. Unidades tópicas e não-tópicas. Tradução: Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva. In: _____. **Cenas da Enunciação**. Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva; Sírio Possenti (Orgs.). Curitiba/PR: Criar Edições, 2006a. p. 9-24.

MAINGUENEAU, Dominique. A noção de hiperenunciador. Tradução: Roberto Leiser Baronas. In: _____. **Cenas da enunciação**. Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva; Sírio Possenti (Orgs.). Curitiba/PR: Criar Edições, 2006b. p. 92-110.

MAINGUENEAU, Dominique. Campo discursivo – a propósito do campo literário. Tradução: Fernanda Mussalin. In: _____. **Doze conceitos em**

Análise do Discurso. Organização: Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva; Sírío Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 49-62.

PAVEAU, Marie-Anne. **Linguagem e Moral:** uma ética das virtudes discursivas. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2015 [Primeira Edição: 2013].

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. Tradução: Maria das Graças L. Morim do Amaral. In: ORLANDI, Eni P. (Org.) [et. al.]. **Gestos de leitura:** da história no discurso. Tradução: Bethânia S. C. Mariani [et. al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 1994, p. 55-66 (Coleção Repertórios).

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). Tradução: Eni P. Orlandi. In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993 [Primeira Edição: 1969]. p. 59-158.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso:** estrutura ou acontecimento. Tradução Eni P. Orlandi. 4ª. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006 [Primeira Edição: 1988].

PÊCHEUX, Michel. Papel da Memória. In: ACHARD, P. [et. al.]. **Papel da Memória.** 3ª. ed. Tradução e Introdução: José H. Nunes. Campinas: Pontes, 2007 [Primeira Edição: 1983]. p. 49-57.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. 3ª. ed. Tradução Eni P. Orlandi [et. al.]. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997 [Primeira Edição: 1975].

PÊCHEUX, Michel. Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. In: PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio [Anexo 3]. 3ª. ed. Tradução Eni P. Orlandi [et. al.]. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997 [Primeira Edição: 1978]. p. 293-307.

POSSENTI, Sírío. Rindo do descobrimento do Brasil. In: **Humor, língua e discurso.** São Paulo: Contexto, 2010. p. 11-26

POSSENTI, Sírío. Teorias do discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: MUSSALIN, F. & BENTES, A. C. **Introdução à linguística 3:** fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2004. p. 353-392.

POSSENTI, Sírío; MOTTA, Ana Raquel. Direita e esquerda: volver! In: **Análise do discurso:** apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. 2ª. ed. revisada e ampliada. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011. p. 207-225.

Recebido em 25 agosto de 2020.

Aceito em 30 setembro de 2020.

Publicado em 30 de novembro 2020.

SOBRE AS AUTORAS

Edvania Gomes da Silva é doutora em Linguística pela UNICAMP, onde obteve o título de mestre em Linguística e

realizou estágio de pós-doutorado. É Professora Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, onde atua no Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade e no Programa de Pós-Graduação em Linguística. É membro do Grupo de Pesquisa em Análise de Discurso (GPADis/Uesb) e do Centro de Pesquisa FEsTA (Fórmulas e Estereótipos: teoria e análise) do IEL, UNICAMP.

E-mail: edvaniagsilva@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0171-7324>

Alessandra Sousa Silva é mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e doutoranda em Linguística pelo mesmo Programa e Universidade. É docente de Atendimento Educacional Especializado – AEE, no Instituto Federal Baiano, *campus* Itapetinga.

E-mail: ale.souza01@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9250-705X>